

"A Escola Politécnica de São Paulo - Histórias da sua história"

Da turma de 1917, fez parte um mineiro, de Santa Rita do Sapucaí, bom moço, mas um tanto assomado nas decisões, que tomava para resolver os seus «causos». É o mesmo que morava com outros oito mineiros, na Rua Veridiana n.º 33, numa casinha de portão lateral e duas janelas de frente, onde se instalara a «República dos Mineiros». Entretanto, nesta o Antonio de Souza Viana (lá vai o seu nome, afinal...) não se integrara, dado o seu temperamento completamente avesso a coisas de música e de poesia, recheio primordial dos tais «republicanos», que assim procuravam amenizar as «probabilidades» e «determinantes» do Shalders, em complemento aos célebres «lugares geométricos» do Cerqueirão. O Viana é o mesmo que, tendo terminado o «Preliminar», em 1912, fez malabarismos de «judeu» para me impingir as apostilas do Shalders por um preço, que foi uma «barbaridade». (vide 1.º volume, pag. 138). Pois, ele, num dos seus assomos incontáveis, já no 6.º ano da Escola, tomou-se de birra com o Prof. Clodomiro Pereira da Silva, da cadeira de «Portos, Rios e Canais». E vivia a espalhar entre os colegas que acabaria matando o «Clodomiro», para o que já tinha comprado uma garrucha de dois canos, «Fogo Central». É claro que o saudoso mestre não dava a mínima para os arreganhos do Viana, mesmo porque os ignorava, pois ainda não tinha havido entre os dois nenhuma explicação de honra. E o professor, indiferente ao «perigo», que o ameaçava de longe, ia dando regularmente as suas aulas, enquanto o Viana ia soltando as suas bravatas. Até que um dia, para acabar com a conversa do Viana, Alexandre Ribeiro Marcondes Machado, o brilhante Juó Bana-nêre, também aluno da mesma turma, fez esta quadrinha, pondo em ridículo as veleidades do «matador»:

«E o Clodomiro, ao descer
Do bondinho de Sant'Ana,
«Chutou», a bala assassina
Ao Antonio de Souza Viana!»

—oOo—

O futuro deputado constitucionista suava no quadro negro, submetido a uma das sabatinas do Hegg. Este, com a sua proverbial gentileza de gaulês, gostava de ir tirando do aluno, em tal ocasião tudo o que este pudesse dar para melhoria das notas. A certa altura da arguição, o mestre perguntou de chofre:

— «Pardon!» Antes de fazer os seus cálculos, diga-me, meu amigo, qual é a temperatura do vapor nessa tubulação?

Eng. ALEXANDRE D'ALESSANDRO

Diretor da Divisão de História da Engenharia do Instituto de Engenharia

O aluno, sem pestanejar, respondeu de pronto:

— 2.700°!

— «Pardon!» «Comment»? Muito alto, meu amigo! Onde estaria, então, o matricular? «Pardon, pardon!»

— 1.350°!

— Muito alto, ainda!

— 700°!

— Ainda, não! «Pardon, pardon!»

Nesse instante, com o desespero estampado nos olhos claros, o aluno retrucou, em último recuo:

— Doutor, eu não sou sírio, por isso não posso fazer mais nenhum abatimento!

Aí, o mestre deixou a cátedra, visivelmente agastado. Mas, contido pela sua tradicional amabilidade, no tratamento, que reservava aos seus alunos, resmungou, passeando pela sala:

— «Pardon», 480°, sem nenhum abatimento! Mas, continuei o seu raciocínio...

—oOo—

Foi no tempo em que alguns engracadinhos tentavam introduzir na Escola o rude sistema de recepção dos calouros a «trote». Tentativa, apenas, que o «velho». Paula Souza não deixou medrar, acabando com a veleidade daqueles irrequietos veteranos, com um formidável «pito» passado nos tais, no pátio interno, quando foram surpreendidos, sem vasa para fugas, pela presença do grande Diretor, o que se devêra ao aviso do solerte Albino. Aliás, o caso já foi contado, mas há uma passagem complementar, na qual entra o boníssimo Taunay, que na ocasião se preparava para dar a sua aula de Física no pequeno anfiteatro do «Prédio Velho», para o 1.º ano do Curso Geral. Essa passagem vem confirmar o que já se conhece sobre a fenomenal memória do saudoso historiador das «Bandéiras Paulistas».

É que um dos «bichos», aproveitando-se da confusão estabelecida no pátio interno, onde aos gritos dos veteranos, se juntavam as antipáticas e humilhantes «cacholetas», contra os seus novos colegas, quis livrar-se da recepção, e subiu, às carreiras, a escada que ia dar naquele pequeno anfiteatro, quase caindo nos braços do Taunay, que esperava a turma para o início da sua aula.

Surpreendido, o aluno engrolou umas desculpas, mas o mestre nem lhe deu tempo para concluir:

— O que é isso, Sr. Poli? O Sr., como repetente, já tendo um galão de veterano, não deve correr assim! Deve descer e afirmar essa qualidade! E agir como veterano!

De fato, o aluno era repetente e pertencera à turma do «Curso Preliminar», de 1913, que contou com o maior número de alunos em toda a vida da Escola: 241, entre matriculados e ouvintes. Mesmo assim, o Dr. Taunay sabia o nome e a situação do «bicho», o que se dava, conforme eu próprio verifiquei um dia, com todos os seus alunos.

Mas à pergunta do Professor, o Poli nada pôde responder, mesmo porque o Avelino, o encarregado do livro de chamada (presença), que ia entrando no momento, falou por ele:

— «O pessoal não quer saber de nada: está no «Preliminar», leva pau, seja lá quem fôr. E ainda falam que repetente apanha «duas vêz»!»

Mais tarde, passado o susto, o Poli comentava cononco:

— Mas, que memória tem êsse «tal» Taunay! Lembra de tudo, direitinho!

—oOo—

Era muito conhecida a franqueza do «velho». Paula Souza, que não deixava para depois aquilo, que devia dizer na hora. Fosse quem fosse o ouvinte, e na presença de quem quisesse ouvir. E não gostava de sujeitos enfatuados, ou petulantes, de gestos estudados, de pseudos superioridade.

Pois um dia a Escola recebeu a visita de um americano metido a importante, um tal Mr. Talbox, aliás apresentado pelo Shalders. O visitante, em companhia do pessoal administrativo, com o Paula Souza a frente, e de vários alunos e professores, percorreu salas e gabinetes, olhando tudo e ouvindo as explicações, que lhe eram ministradas em profusão, naturalmente através de um intérprete, pois o grande Diretor só se expressava em português.

A certa altura do «promenade», o «mister» não se conteve e, interrompendo o Paula Souza, perguntou:

— «Do you speak English, Mr. Paula Souza?»

Ao que o «velho», visivelmente irritado, respondeu com aquelas expressões entrecortadas de interjeições, que eram tanto do seu feitio:

— Eh! Lá, na América do Norte, eu sei falar inglês, eh! Mas aqui no Brasil eu me esqueço dessa língua e só falo português, eh!